



## CORPO DE DELITO

# Anna Karénina ouvia Nocturnos

Os dois sentimentos maiores, que são verso e reverso, que se unem e repelem, que se entrelaçam e se agridem... o amor e o medo



Rui Patrício

Ana Karénina ouvia Nocturnos, não poderia deixar de os ouvir. Certamente. Ou não fosse ela a heroína do romance maior do maior dos romancistas, sobre o sentimento maior, o amor. Melhor dizendo, sobre os dois sentimentos maiores, que são verso e reverso, que se unem e repelem, que se entrelaçam e se agridem, que não se suportam mas também não vivem um sem o outro: o amor e o medo. Sim, o amor e o medo. Estão presentes da primeira à última palavra do livro, tal como estão presentes do primeiro ao último momento da vida, mesmo quando ainda são apenas intuição ou quando já são apenas recordação. Tolstói encontrou a fórmula para escrever sobre esses dois sentimentos e a sua relação, para os quais os substantivos rarciam e os verbos vagueiam. Só cometeu um erro, o da frase de abertura, pois não é verdade que as famílias felizes se pareçam umas com as outras, nem que cada família infeliz seja infeliz à sua maneira. Cada um ama de uma forma única e teme de uma forma única. E nisso vive uma felicidade

de e uma infelicidade únicas. Uma e outra sendo verso e reverso.

As personagens felizes do romance de Tolstói também são únicas e única é a sua história. Tão única quanto a vida e a morte de Anna. E também elas ouviriam os Nocturnos, embora não da mesma forma que a heroína. Cada um também ouve à sua maneira, única e irrepetível. E Anna Karénina ouvia, e preferia certamente, os de Chopin, claro, pois foi ele quem melhor cultivou esta composição musical. Mesmo quem não conheça ainda os seus 21 nocturnos, algum dia encontrará neles um bom retrato da (sua) vida. E cada um terá um preferido. Por exemplo, o Nocturno número 2. E porquê esse, e não outro? Não sei. Talvez porque contém todas as combinações possíveis,

como toda a arte e como toda a vida, conseguindo ser tão intenso quanto suave. Talvez porque seja taciturno e bondoso, vaidoso e compassivo, nostálgico e enérgico, tímido e corajoso, aventureiro e timorato, rancoroso e apaixonado. Loquaz e silencioso, tranquilo e furioso. Riso e choro, alegria e tristeza, água e vinho. E nunca se repete, mesmo quando parece. Anda sempre para diante, em graves, agudos e tudo o que com eles e entre eles se pode fazer. Ou talvez a preferência não seja por nada disso ou seja apenas por parte disso. Não sei. Tentar compreender talvez não passe disso: tentar. Mas esse nocturno é o preferido, isso sim. Sente-se que é. E o mais importante não é pensar, é sentir.

Mesmo que sentir conduza a erros, a desapontamentos, a tristeza, mesmo à morte – como Anna Karénina, que viu nas rodas do comboio a sua libertação, o fim do medo, um ponto final adequado para a sua incapacidade de suportar a dúvida sobre o amor de Vronski. Mas sentir conduz também à vida. Com preço, com risco, com inquietação, claro está, mas conduz. E tudo o que vale a pena tem preço, tem risco, tem inquietação. E tem agudos e graves, suavidade e intensidade, riso e choro, e a eterna procura da melodia certa, do tom apropriado. Como os Nocturnos.

*Advogado*

*Escreve quinzenalmente ao sábado*

Cada um ama de uma  
forma única e teme  
de uma forma  
única. Uma e outra  
sendo verso e reverso